

DON DON DORONDONDON: O DESLIZAMENTO DO SIGNIFICANTE (*)

Lenice Pimentel

...a palavra tem os seus crespos e os seus avessos...

Maria L. Ramos

No diálogo profícuo que a literatura promove com a cultura, cada vez mais temos o prazer de encontrá-la como material pulsante para compreender a história humana em seus temas cotidianos, e Drummond, com sua obra, ocupa uma posição privilegiada para pensarmos nesse entrelaçamento. Com sua maneira peculiar de observar e escrever a realidade, o Poeta tem na palavra uma aliada prestimosa para exercer o processo de mediação cultural como compromisso ético da literatura. O texto de Drummond instiga o leitor de todas as épocas a buscar algum significado para o texto.

O que me instigou a trabalhar os significantes de uma perda, a partir do poema “Cantilena prévia”¹, na perspectiva da mediação cultural, foi a noção de cantiga suave, e, ao mesmo tempo, narração fastidiosa, toada monótona que expressa a dor como resto/rastro de uma perda. No poema, a morte em suas metáforas está em consonância com a aceção de morte vigente no século XX, tida como vergonhosa e/ou fracasso. Dela é melhor que nada se revele. A morte limpa, sem sinais, é a mais adequada para os padrões culturais vigentes. Kovács (1992) retoma a discussão dessa temática na sociedade ocidental e reafirma que a morte está despojada de seu caráter de necessidade em termos de processo vital, bem como o não-lugar para o luto. A vivência da dor deve ser controlada. Mas como expressar a dor que insiste em aparecer? Ramos (2000) defende a tese de que

(*) Este texto já foi publicado na revista Antígona, n.5, out./2002.

¹ ANDRADE, C. D. de. *Poesia completa e prosa*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar S.A. 1977. A falta que ama, p.429.

há sempre uma forma de permanência na morte, que pode dar-se na natureza ou no seio de uma determinada cultura, onde transita do ético ao estético e ao metafísico. Porém, de qualquer perspectiva que seja considerada, o homem encontra sempre uma maneira de apropriar-se dela, manipulando-a por meio de ritos, denegando-a, fantasmaticando-a, de modo a livrar-se da angústia que o desconhecido provoca, do medo do caos, em que as referências se perdem (p. 165).

A literatura, espaço da palavra, tem sido generosa ao acolher os vários discursos que envolvem a morte, e Drummond, em *Cantilena prévia*, desde seu primeiro verso usa sabiamente a linguagem como presença que tenta preencher o lugar de uma ausência e aí anuncia algo de impertinente. Algo da ordem da repetição... Don don don dorondondon se impõe. O que se passa nessa cantilena? Que tramas languageiras são evocadas para tecer a perda? Não é a linguagem uma das formas de recuperar o perdido? Poeta que é, Drummond caçou a palavra que existe na palavra para tentar dizer o indizível presente na cantilena. E por que *prévia*? O que se antecipa ao desejo de preencher “*A falta que ama*”? Que significantes deslizam desse dorondondon para chegar ao rinfonfon com sua idéia de completude?

Ao intitular seu poema *Cantilena prévia*, o Poeta introduz o lamento da vida, a evocação triste do pai amado como lugar de perda. Este lamento é parte das atitudes e crenças aprendidas dentro da cultura. Segundo Morin (1970), a sociedade funciona apesar da morte, contra ela, mas só existe, enquanto organizada pela morte, com a morte e na morte: “Don don dorondondon / É o Castelo de Drummond / que vai à penhora. // Don don dorondondon / É a soberba de Drummond / que vai-se embora. // Don don dorondondon / É o prazo de Drummond / que termina agora”. Nas metáforas “Castelo”, “Soberba” e “Prazo” presenciemos a refutação da morte que ao longo do poema, metonimicamente, vai sendo domada através dos imbricamentos da linguagem, apaziguando a dor. O sujeito que sofre exige ser enunciado, ‘fura’ a censura e, através da metáfora e da metonímia, fala do que pede retorno para além do código cultural. A literatura é o lugar de onde o sujeito pode falar. Chulam (1981) diz:

A estrutura da linguagem dá ao homem condição de conjugar presença e ausência (Fort! / Da!) num tempo de alternância próprio, tanto ao homem, quanto à linguagem. O sujeito ressurgue dessa ausência primordial ao entrar na grande cadeia substitutiva onde o significante marcará e falará o lugar dessa ausência (p.21).

Na cantilena, o que o Poeta procura é o que falta, e o que falta é exatamente o significante que dê conta da morte.

Na poesia drummondiana, à maneira dos ritos, os significantes da perda insistem na permanência do som, do dom, do tom, dos fios metonímicos que se reconhecem como bons, expondo as mazelas de vida e morte próprias de uma cultura que tem história e sobre ela reflete: “viver é modular a morte”². Vejamos o poema de Carlos Drummond de Andrade:

Don don dorondondon
É o Castelo de Drummond
que vai à penhora.

Don don dorondondon
É a soberba de Drummond
que vai-se embora.

Don don dorondondon
É o prazo de Drummond
que termina agora.

É o prazo de Drummond
que ainda não termina.
Din din Resta uma resina.

Din din Resta uma farinha
de substantivo, infra-som
de voz, na voz de Drummond?

² Palavras do psicanalista Hélio Pellegrino.

Don don don
O morto Drummond
sorri à lembrança

De estar morto (don)
alva não-consciência
(din) de maior ciência.

Dindon dorondin din
O que sabe agora
não o diz Drummond.

Sabe para si.
Sabe por si só.
Sabe só, sem som.

É de rinfonfon.
É sem cor nem tom.
É completo. É bom.

Nesse poema, o que se repete insistentemente é a perda do Pai ainda em luto. Como preencher um espaço que não está de todo vazio? um lugar onde o prazo ainda não terminou? onde ainda resta uma resina, uma farinha ou uma lembrança e, no entanto, ainda faltoso? Com a palavra, Drummond engendra a perda do objeto de amor e coloca-o na ordem cultural para amenizar o sofrimento daquilo que se “sabe só, sem som”. O Poeta precisa de tempo para se acostumar com a ausência:

Por muito tempo achei que a ausência é falta
E lastimava, ignorante, a falta.
Hoje não a lastimo.
Não há falta sem ausência.
A ausência é um estar em mim.

E sinto-a branca, tão pegada, aconchegada em meus braços,
que rio e danço e invento exclamações alegres,

porque a ausência, essa ausência assimilada,
ninguém a rouba mais de mim.³

O texto literário, assim, cumpre o papel de mediar os processos culturais, uma vez que o “artista equaciona o pessoal e o cultural, o singular e o universal, a poesia e o mito,”⁴ ao lidar com o jogo de significantes que se desenrola no texto. Certamente, em Drummond, não é uma brincadeira inocente rimar os versos. Há, aí, sem dúvida, uma supradeterminação dos termos que compõem a linguagem poética que anuncia a hora do Castelo, da soberba ou do prazo de Drummond.

Se a cantilena anuncia previamente a morte do Drummond-pai, ao mesmo tempo anuncia sua permanência. Dele resta algo de substantivo suportado pelas imagens metonímicas de resina, farinha, lembrança, pois apesar “de estar morto (don) / alva não-consciência/ [no](din) de maior ciência” ele se faz presente. A morte cantada, falta (pre)sentida, se enlaça à cultura que chora os seus mortos de uma maneira contida. Drummond, nos versos da “Cantilena prévia”, traz a “química silábica” referenciada por Freud num processo de interação com o significante – Don don dorondondon ... Dindon dorondin din – e apresenta o don (de estar morto) como reverso do din (de maior ciência), contextualizando o que fica encoberto no nível das motivações inconscientes. Nesse jogo de significantes as palavras mapeiam a cartografia da dor buscando suporte na ciência. O controle é dado pelas palavras. Ainda com inspiração em Drummond:

Qualquer tempo é tempo
A hora mesmo da morte
É hora de nascer.

Nenhum tempo é tempo
bastante para a ciência
de ver, rever

³ ANDRADE, C. D. de. *Ausência*.

⁴ RAMOS, Maria Luiza. 2000, p.68.

Tempo, contratempo
anulam-se mas o sonho
resta, de viver.⁵

Vida e morte, tempo e contratempo, aspectos de uma mesma realidade, encontram sua atualidade no aproveitamento que Lacan faz da banda de Möebius como forma de refazer a relação significante/significado estudada por Saussure. Uma fita torcida que passa da face exterior para a interior sem quebra de continuidade ilustra essa realidade presente nos textos de Drummond: “*O morto Drummond / sorri à lembrança*”; “*A hora mesmo da morte / é a hora de nascer*”. O Outro⁶ habita o eu e dele não tem como fugir. Resta a palavra que canta no poema o ritmo da perda.

Na linguagem poética desliza sempre um outro sentido que se instala na cadeia significante, à revelia do Autor, e foi a isso que Lacan (1981) chamou de *point de capiton*, ou seja, há algo na escrita, na palavra, que fica aprisionado à superfície, deixando entrever o que está submerso no texto, recuperando o contexto, atuando em sua cultura.

Quer se trate de um texto sagrado, de um romance, de um drama, de um monólogo ou de uma conversação qualquer, vocês me permitirão representar a função do significante por um artifício espacializante, do qual se deve exercer toda análise concreta do discurso, eu o chamarei um *point de capiton*. (p. 303)⁷

Para entender a mediação cultural que perpassa na poesia de Drummond, basta ler com olhos e ouvidos atentos os seus escritos e neles encontraremos as dores e os amores do ser humano atualizados na cadeia significante, num “efeito que é de poesia ou de criação”⁸ ao mesmo tempo. Dizendo sempre mais do que suporta dizer, o sujeito lírico, sem o perceber, exercita, na linguagem, o capitonê, pois, quanto maior a censura, mais próximo da superfície da palavra chega o

⁵ ANDRADE, C. D. de. *A falta que ama*.

⁶ Conceito lacaniano segundo o qual o sujeito recebe a mensagem. Apud. WIBER, Ken. *O espectro da consciência*. Trad. Octavio Mendes Cajado. São Paulo: Cultrix, 1990, p.52.

⁷ LACAN, J. Le séminaire. Livre III – *Les psychoses*. Paris: Seuil, 1981. p.303.

⁸ LACAN, J. *Écrits*. Paris: Seuil, 1966. p.515.

significante barrado que se “sabe só, sem som”. Evitando falar da morte do pai, outras palavras são conclamadas para comparecer à cena, mas, perversas, revelam o sujeito que sofre a dor da perda e, como já encontramos em Platão, elas são o “*phármakon*” necessário para mediar o cotidiano. Tudo vai depender de como essa palavra será falada ou escrita.

O nome Drummond, mencionado sete vezes no poema, faz jogo sonoro com as badaladas do sino (don don dorondondon) e perpetua o sentido que insiste na cadeia significante em busca da significação impossível imposta pela morte. Morte que permanece na lembrança, no tempo, na ausência, testemunhando a sua inexorabilidade. No nome a cantilena se realiza. A repetição, direta (Don don dorondondon) ou invertida no nome de **Drummond**, canta o sem jeito desse lado da vida presentificada na angústia do Poeta.

Na singularidade do poema, Drummond dialoga com a tradição ocidental, ao fazer da morte do patriarca, quando o seu prazo finda, um fato literário. O “Castelo de Drummond / que vai à penhora” adquire ares da “bela morte” cantada pelos gregos, pois não é um Drummond envelhecido que se vai, mas um Castelo (com maiúscula) que vai à penhora ou a soberba que se retira imponente, ao expirar o prazo. O que do pai fica penhorado, senão as lembranças que se estendem nos versos do Drummond-filho uma vez que essa perda, no começo do poema, ainda não é aceita? Do **Dom** – poder, privilégio, prestígio – qualidades admiradas no Castelo de Drummond –, chegamos ao **Din**, o saber da ciência, tornando possível fundir os tempos: **Dindon dorondin din**. Estabelecendo uma nova ordem. – a morte é parte da vida. Apaziguado na dor, os sons se harmonizam e podemos ouvir:

Dindon dorondin din
O que sabe agora
não o diz Drummond

Sabe para si.
Sabe por si só.
Sabe só, sem som.

É ainda a elaboração do luto que está se fazendo no interior do Poeta. O que é sabido ainda não pode ser expresso: “sabe só, sem som”. É o sentir que se exprime e que invade a subjetividade com sua força, no momento em que a morte irrompe o real em sua finitude. Inevitável, a morte está presente no desenvolvimento humano. Está dentro (don); está fora (din). É no “Don don don / (que) o morto Drummond / sorri à lembrança”, e não é o amor uma das faces da morte? Não é dela primo? ... “Amor é primo da morte, / e da morte vencedor, / por mais que o matem (e matam) / a cada instante de amor.”⁹

Amando o que resta do Drummond-pai (uma resina ou uma farinha), o mistério da morte apresenta o mistério da vida e, no Castelo de Drummond, ainda resta um clã e “...Alguém deste clã é bobo de morrer? / A conversa o restaura e faz eterno”...¹⁰ E é com as palavras, no seu rinfonfon, no esfrega/esfrega, que o Poeta lida com a falta, com a perda, fazendo da poesia ciência poética, pois sabe que é preciso viver para poder dissipar as ilusórias certezas da vida e da morte; esta é apenas uma invariante essencial da experiência humana. A morte “é sem cor nem tom” e o poeta, sabedor das coisas, junta perda e luto no sem cor que é, a um só tempo, símbolo da tristeza (representado pela cor preta = a sem cor) e símbolo de paz e serenidade interiores. Com esta síntese o Poeta finda o poema, completando o ciclo vida-morte: É completo. É bom. ... É de rinfonfon.

A literatura, enfim, evidencia a função de ler e de fazer ler o dado cultural e literário com saber e sabor, e a poesia, em particular, é “uma rica e extraordinária elaboração da linguagem, que, se deixa entrever o poeta, o faz pela recuperação do contexto que o constitui, e, sobretudo, pela maneira criativa com que ele reage a esse mesmo contexto, atuando em sua cultura, ou seja, constituindo-a por sua vez.”¹¹

⁹ DRUMMOND, C. *As sem razões do amor*.

¹⁰ DRUMMOND, C. *Conversa*.

¹¹ RAMOS, M. L. Op. Cit. p.75.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANDRADE, C. Drummond. *Reunião*: 10 livros de poesia. 6. ed. Rio de Janeiro: J.Olympio, 1974.

BRAYNER, Sônia (org.). *Carlos Drummond de Andrade*. 2. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1978. (Fortuna Crítica).

CHULAM, Tânia M. Olivier. *Escritos sobre os escritos de Lacan – roteiro de leitura – vocabulário e temas*. Vitória: Fundação Ceciliano Abel de Almeida, 1981.

KOVÁCS, Maria Júlia. *Morte e desenvolvimento humano*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1992.

LACAN, Jacques. *Le séminaire*. Livre III – Les psychoses. Paris: Seuil, 1981.

MORIN, E. *O homem e a morte*. Lisboa: Publicações Europa-América, 1970.

RAMOS, Maria Luiza. *Interfaces*: literatura, mitos, inconsciente, cognição. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2000.

WIBER, Ken. *O espectro da consciência*. Trad. Octavio Mendes Cajado. São Paulo: Cultrix, 1990.